

O antes

Ingressei como estudante de Serviço Social em 1982. E, logo nas primeiras semanas de aula, quando fomos recepcionados, na “calourada”, pelos estudantes do curso, encontramos um ambiente tenso. Havia uma expectativa da saída de professoras do curso, a partir de uma decisão unilateral do diretor na época, o professor Aquiles Correia. A intenção era adaptar o curso a uma formação teórica e política distinta da que vinha sendo implementada na Faculdade.

Cinco professoras foram demitidas – na verdade, uma não chegou a ser demitida, mas não renovaram o seu contrato. Eram professoras que asseguravam uma direção social crítica, de diálogo com a tradição marxista, com a qual o Serviço Social já iniciava uma aproximação desde 1979. Neste ano, houve um Congresso Brasileiro de Assistente Social, conhecido como o “Congresso da Virada”. Este Congresso promoveu um impacto no redirecionamento da formação profissional. No entanto, a direção da Faculdade de Serviço Social, de então, pretendia fazer o curso caminhar para uma outra perspectiva teórica. E, na ocasião, tinha condição, do ponto de vista institucional, de demitir estas professoras.

A greve

Para desmobilizar o movimento estudantil, o que parece ser uma prática ainda recorrente na universidade, suspenderam as aulas logo após o feriado da semana santa. Fecharam as salas, com avisos de que não haveria aula devido a mudanças que estavam sendo implementadas no curso. Quando retornamos, fizemos assembleias (estudantis) e nos posicionamos contrários às demissões das professoras. O Centro Acadêmico se organizou e iniciamos uma greve no curso de Serviço Social, que durou cerca de 35 dias.

Fizemos manifestações no Palácio Guanabara. Fomos a programas de televisão e, acabamos, obtendo uma boa cobertura jornalística na época, apesar de o curso ser pouco conhecido. Uma parte dos estudantes foi a um programa de TV (O Povo na TV), com grande popularidade, apresentado pelo Ilton Franco, com Wagner Montes e Roberto Jefferson. Onde tinha possibilidade de divulgar a nossa luta, a gente ia. Contudo, todas as formas de participação eram previamente debatidas: o que sealaria e o que daria visibilidade ao movimento.

E, o mais importante, fizemos uma ampla mobilização dentro da Uerj. Durante um período, percorremos todos os cursos, todas as salas de aula, chamando o conjunto dos estudantes para um ato que teríamos na Reitoria. Ocupamos a Reitoria para fazer pressão. A princípio, seriam três dias de paralisação. Tínhamos muito receio de não conseguirmos uma boa adesão dos estudantes, sobretudo por conta de a Uerj funcionar em

três turnos (manhã, tarde e noite). Mas conseguimos a adesão. Lotamos a sala da Reitoria. O reitor era o professor João Salim Miguel, que voltou atrás na decisão de demitir as quatro professoras. Só não conseguimos a renovação do contrato da quinta professora. Mas foi uma vitória importante.

O depois

Ao longo do ano de 1982, aconteceu uma série de mobilizações em torno da defesa e organização de um processo eleitoral interno, no qual os/as candidato/as fossem, obrigatoriamente, professores/as assistentes sociais. Na ocasião, o diretor era do curso de Filosofia e, o vice-diretor do curso, do Direito. As chefias de departamento também não estavam a cargo de assistentes sociais. Já no ano de 1983, conseguimos ter um processo eleitoral, assegurado pelo voto universal, com três chapas na disputa, todas compostas por professores do curso. O movimento estudantil teve um papel importante na organização destas chapas. Procurávamos assegurar uma perspectiva democrática de escolha, mas, ao mesmo tempo, uma escolha dentro de um campo de interesse teórico e político resultante deste movimento de 1982.

Outro ponto importante foi o apoio que recebemos de outros diretórios acadêmicos: da Geologia, da História, das Ciências Sociais, de determinados estudantes do curso de direito. Foi uma dinâmica muito interessante de articulação política que resultou na organização de uma chapa para disputar o DCE. Perdemos por poucos votos. Quem acabou assumindo o Diretório foi a chapa encabeçada por estudantes do Curso de Direito, da qual fazia parte o futuro vereador, Otávio Leite.

Isso tudo representou, para a universidade, uma ampliação das esferas de socialização política, do debate sobre a democracia. O que, eu acredito, acabou tendo implicações decisivas para o estabelecimento de processos de ingresso por meio de concurso público, além do reconhecimento acerca da necessidade de realização de eleições democráticas. Embora, até hoje, que eu tenha notícia, a única unidade que adota o voto universal respeitado em todas as instâncias é a Faculdade de Serviço Social.

Para se ter uma ideia do que representou esse movimento, 1982 foi o ano de retomada das eleições para governadores depois da Ditadura civil-empresarial-militar de 1964. Aquela dinâmica política também se expressou no engajamento do segmento estudantil no processo eleitoral. Sobretudo, no apoio à candidatura do Lysâneas Maciel do PT – um partido criado há pouco tempo –, e à do Leonel Brizola pelo PDT, que acabou vencendo as eleições daquele ano. Era um período ainda muito marcado por um processo de redemocratização inconcluso. Havia fortes reminiscências

das práticas de vigilância e ameaças do período da ditadura civil-militar-empresarial de 1964.

Teve um fato marcante no percurso da greve que foi a visita do Ministro (de Estado da Educação, Cultura e Desportos) Eduardo Portela à Uerj. Nós nos organizamos para entregar um documento para ele, denunciando o que estava acontecendo na Faculdade. Aos nos aproximarmos dele, que estava cercado por um grande aparato de segurança, o que não nos pediu de entregar o documento, a primeira pergunta feita por ele foi “quem era Fatinha e Solange”, as lideranças do movimento estudantil. Este fato demonstrou que ele já estava informado sobre o movimento. Era uma época em que ainda funcionava ativamente os serviços de inteligência da ditadura. Não era um ambiente de uma cultura democrática. Primeiro por que isso não é um traço da realidade brasileira. Não é um traço da universidade pública brasileira. E não era um traço do período.

Democratização da universidade

Não posso afirmar de forma categórica que essa greve foi um divisor de águas na cultura política e organizativa dentro da Uerj. Mas teve, com certeza, repercussões no movimento estudantil e na organização docente. Vários professores da própria Faculdade começaram a ter uma atuação muito importante junto ao movimento docente e, posteriormente, à Asduerj.

Refletindo sobre os processos mais recentes na universidade, identificamos que determinados traços permanecem. Um deles é o fato de o movimento estudantil ser também expressão das disputas entre correntes políticas, o que ocorria desde a nossa época. Não há movimento “puro”. Embora às vezes exista um posicionamento no sentido de demarcar diferenças dessas correntes, elas fazem parte. Enriquecem o debate. Estão presentes até os dias atuais, tanto no movimento estudantil quanto no movimento docente e de servidores. O que evidencia, ao meu ver, que a universidade não está apartada da sociedade. Também tem, no seu interior, correlações de forças, projetos de sociedade, vínculos político-partidários. Algo plenamente compreensível porque também estudantes, servidores e docentes são cidadãos e podem atuar em outros espaços a partir da defesa de um determinado projeto de sociedade, de universidade. Falo isso não em função dos últimos acontecimentos na Uerj, mas por conta da história da Uerj. Sempre houve um discurso hegemônico, em qualquer época, em favor da despolitização do espaço da universidade. Como se a universidade estivesse isolada da dinâmica da sociedade, das disputas políticas. E a gente sabe que isto não tem amparo na realidade. Em todo o Brasil, a universidade sofre essa pressão para ser um espaço neutro, de uma produção “asséptica”, não vinculada

a certos interesses. Quando, no mundo concreto, não é isso que caracteriza a nossa conduta ética, política, os nossos compromissos. Creio que esse movimento foi muito representativo. Embora inaugurado numa faculdade pequena, pouco conhecida. Outro ponto que possibilita identificar traços ainda presentes na trajetória da UERJ, é que o DCE não nos apoiou. Não esteve à frente. A articulação foi muito mais com determinados centros e diretórios acadêmicos. Não tivemos também o apoio de todos os diretórios/centros acadêmicos, em alguns a adesão se deu a partir de estudantes vinculados aos cursos. Tanto é que depois da vitória conquistada com a nossa luta política, lançamos uma chapa para disputar o DCE com apoio do Centro Acadêmico de Serviço Social e dos cursos mais atuantes da greve de 1982, assim como com outros componentes de cursos de posição política mais aguerrida, mais crítica. Foi uma disputa acirrada. Perdemos por uma votação apertada. Não lembro exato por quanto. Mas a lenda que ficou foi de ter sido por um voto. Uma disputa muito interessante e fecunda para a construção de um ambiente democrático. A Uerj tem experiências muito significativas no campo da luta pela democracia, do fortalecimento dos espaços de debate. Mas é uma universidade que também comporta forças muito conservadoras e atreacionárias. Do ponto de vista da nossa análise política, apesar de todas as mudanças, a universidade ainda é uma instituição conservadora.

Movimento docente

Há uma característica importante desses primeiros períodos. Não posso afirmar como estava o movimento docente na época, porque era estudante. Só ingresso como docente em 1987, quando a Asduerj já estava muito atuante, com lideranças muito aguerridas, que deram um pouco a feição que a Asduerj foi assumindo ao longo das décadas seguintes, com assembleias muito concorridas, disputadas e politizadas. Posso dizer que é uma marca da nossa entidade. Mas, do ponto de vista do movimento, acho que o ingresso dos professores, por meio do concurso público, foi levando a uma aproximação com o movimento docente, que até hoje é uma marca da nossa faculdade, ainda que não lhe seja exclusiva. Assim que ingressei como professor auxiliar, eu fiz parte do Conselho de Representantes da Asduerj. Guardo lembranças significativas das lutas que a universidade enfrentou e o papel destacado da entidade na mobilização pelo reconhecimento da carreira docente e da valorização da universidade. Acho que a Asduerj também nunca teve uma ação estritamente corporativa. Muito pelo contrário. A defesa da carreira e dos direitos dos docentes eram a defesa em torno do direito a uma determinada universidade: pública, laica, socialmente comprometida. Uma universidade que tem

o seu pioneirismo em relação às condições de acesso de segmentos da população que nem sequer pensavam estar aqui dentro, seja do ponto de vista das cotas para escolas públicas, para a população negra e agora o debate das cotas trans. Acho que são bandeiras que caracterizam

a universidade, que, ao mesmo tempo, é ainda uma instituição conservadora, mas com agendas e pautas de lutas importantes do ponto de vista das conquistas dos direitos sociais, humanos, da luta das classes de trabalhadores e dos seus vários segmentos.

JORNAL DOS SPORTS, Sexta-feira, 7/5/1982 11

A crise na Faculdade de Serviço Social da UERJ, provocada pela demissão de professoras, ganha um elemento novo, na esfera judicial. E a greve dos alunos já dura 25 dias.

Conselho leva UERJ à Justiça

A decisão do Conselho Regional de Assessoria Social - CRAS - de autorizar a Associação Jurídica de Estudantes - AJUE - a providenciar a defesa jurídica da Escola de Serviço Social da UERJ, abriu, com relação à greve dos alunos, um novo capítulo. O Conselho Regional de Assessoria Social da UERJ, compunha hoje 25 dias de greve em protesto contra o afastamento de quatro professoras pelo diretor da escola, Aquiles Guimarães. Enquanto os estudantes exigem o retorno das professoras afastadas, o diretor não aceita mudar de posição sobre a decisão.

Os dirigentes do Centro Acadêmico também chegaram a solicitar a posição da Reitoria da UERJ em consideração a uma proposta de suspensão de aulas, caso não ocorresse o retorno das professoras. Para os estudantes, a suspensão de aulas não é uma medida punitiva, mas sim uma forma de pressão para que a Reitoria volte atrás e permita o retorno das professoras.

Os professores afastados de sala de aula são Assessoria Social, Psicologia, Serviço Social e Serviço Social. O movimento deve se tornar mais amplo, caso a Reitoria não volte atrás.

O CONSELHO

Diretor diz que greve de Serviço Social é suicídio

"A insistência dos alunos com a greve dos 242 alunos da Faculdade de Serviço Social resultará em um veredito de morte para a instituição", afirmou o diretor da Faculdade de Serviço Social, Aquiles Guimarães, em uma entrevista concedida ao "Jornal dos Sports".

Guimarães afirmou que a greve dos alunos é um ato de suicídio, pois a instituição não tem condições de manter a sala de aula vazia por mais de 25 dias. Ele também afirmou que a greve dos alunos é uma forma de pressão para que a Reitoria volte atrás e permita o retorno das professoras.

O diretor da Faculdade de Serviço Social, Aquiles Guimarães, afirmou que a greve dos alunos é um ato de suicídio, pois a instituição não tem condições de manter a sala de aula vazia por mais de 25 dias. Ele também afirmou que a greve dos alunos é uma forma de pressão para que a Reitoria volte atrás e permita o retorno das professoras.

O professor Aquiles Guimarães afirmou que a greve dos alunos é um ato de suicídio, pois a instituição não tem condições de manter a sala de aula vazia por mais de 25 dias. Ele também afirmou que a greve dos alunos é uma forma de pressão para que a Reitoria volte atrás e permita o retorno das professoras.

A crise da UERJ

Greve continua. Diretor não muda posição. Alunos também dizem que não voltam atrás.

Tudo começou com o afastamento de quatro professoras da escola.

Reprovação geral por abandono de aulas

O diretor da Faculdade de Serviço Social da UERJ, Aquiles Guimarães, afirmou que a greve dos alunos é um ato de suicídio, pois a instituição não tem condições de manter a sala de aula vazia por mais de 25 dias. Ele também afirmou que a greve dos alunos é uma forma de pressão para que a Reitoria volte atrás e permita o retorno das professoras.

JORNAL DOS SPORTS, Quarta-feira, 5/5/1982 11

Presidente do DCE pode demitir-se

Enquanto em algumas faculdades a representação estudantil vai se fortalecendo, em outras, como a UERJ, o movimento de luta dos estudantes enfrenta dificuldades. O presidente do DCE da UERJ, João Salim Miguel, afirmou que a greve dos alunos é um ato de suicídio, pois a instituição não tem condições de manter a sala de aula vazia por mais de 25 dias. Ele também afirmou que a greve dos alunos é uma forma de pressão para que a Reitoria volte atrás e permita o retorno das professoras.

Alunos articulam chapa de oposição

Alguns alunos da UERJ articularam uma chapa de oposição ao atual presidente do DCE, João Salim Miguel. A chapa é formada por estudantes de diversas áreas e pretende concorrer às eleições para a presidência do DCE.

Amearça de

JORNAL DOS SPORTS, Sexta-feira, 30/4/1982 11

Tulio pede posição da reitoria na crise da Faculdade

Uma paralisação geral dos estudantes da UERJ é necessária para que a reitoria tome uma posição clara sobre a crise da Faculdade de Serviço Social, afirmou o presidente do DCE, Tulio Pelegrini.

Demissão, o estopim da crise

A demissão de quatro professoras da Faculdade de Serviço Social da UERJ foi o estopim que desencadeou a greve dos alunos.

Ameaça de greve

JORNAL DOS SPORTS, Quarta-feira, 19/5/1982 11

A crise na UERJ

Terminou a greve na Faculdade de Serviço Social. Agora, é a vez dos acadêmicos de Enfermagem.

Diretor recua e estudantes cessam a greve

Os alunos da Faculdade de Serviço Social da UERJ saíram satisfeitos após uma greve de 35 dias. O diretor da escola, Aquiles Guimarães, afirmou que a greve dos alunos foi um ato de pressão para que a Reitoria volte atrás e permita o retorno das professoras.

Enfermagem: nova greve a caminho

Os alunos da Faculdade de Enfermagem da UERJ estão se preparando para uma nova greve, caso a Reitoria não tome uma posição clara sobre a crise da Faculdade de Serviço Social.

A crise na UERJ

ESTAMOS EM GREVE

Serviço Social, há um mês em greve

Passeata à porta do reitor. Depois, teatro

Os alunos da Faculdade de Serviço Social da UERJ realizaram uma passeata à porta da reitoria para exigir o retorno das professoras afastadas. Depois da passeata, os alunos realizaram um teatro sobre a crise da instituição.

ANO II, NÚMERO 16, 149, Quarta-feira, 19 de maio de 1982, CR\$ 40,00

Jornal dos Sports

O JORNAL DE MÁRIO FILHO

Diretor volta atrás e acaba greve na UERJ

Suíços: vamos com respeito e ousadia

Imagens: Série de reportagens publicada no "Jornal dos Sports" sobre a greve estudantil da Uerj, entre os meses de abril e maio de 1982.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional